

A CASINHA

Tenho um pequeno número de leitores fiéis, que sempre me aplaudem. Deles me orgulho, pois toda gente gosta de ser incensada. Alguns poucos chegam a recortar minhas crônicas para guardar e isso é desvanecedor. Não obstante, recebo críticas amigas, no sentido que estou me tornando melancólico, triste, fatalista. Um chegou a perguntar se estou me preparando para "desencarnar". De jeito nenhum, pois ainda espero viver uns 30 ou 40 anos, pelo menos.

Todavia, vou mudar o modo de escrever, afastando as lágrimas, lamúrias e saudades.

A parte baixa da cidade é cortada pelo córrego Boa Vista, que nasce na propriedade dos Marconi e deságua no Rio São Lourenço.

Muitos anos atrás, Itápolis não tinha nenhum palmo de esgoto. As casas eram servidas por fossas negras, com todos seus inconvenientes. Mas, os moradores ribeirinhos do córrego resolveram o problema dos dejetos humanos, construindo pitorescas privadas nas margens direita e esquerda do rio. Elas eram sempre toscas, de tábuas e ficavam sobre as águas, em cima de estacas e nos fundos dos respectivos quintais.

Os conterrâneos de antigamente, quando estavam "apertados", precisando "verter" ou "dar de corpo", demandavam a casinha, chegando até ela por um passadiço (estaleiro). Dentro o papel higiênico era um luxo de ricos. Os mais pobres usavam papel de jornal, cortado em quadrado e espetado num prego na parede. Este era melhor que aquele, pois sempre se tinha alguma notícia para ler. No teto havia um gancho para pendurar o lampião ou a lamparina de querosene. Os mais requintados tinham um caixãozinho cheio de sabugos de milho, suaves e aveludados. Nenhuma das casinhas possuía janela, o que era sábio, pois algum impaciente poderia, vendo a portinha fechada, ir espiar e adeus concentração.

Observação: estas duas referências (a do sabugo e da janela) copiei do livro magistral "O Especialista", que trata da atividade de um construtor de privadas perfeitas.

Mas, vamos mudar de assunto.

Como advogado, sempre tratei do direito de família: arrolamentos, inventários e partilhas, doações, testamento, ... e, principalmente, de desquites, que hoje chamam separações judiciais (amigáveis ou contenciosas). Antigamente não existia ainda o divórcio, que hoje é moda e enseja novos casamentos.

Nessa atividade que os cônjuges podem ter defeitos insanáveis, que impedem qualquer reconciliação. A principal falha do marido é não ter dinheiro; a da mulher é falar ardido. Quando o homem é um duro, o casamento não tem chances, pois tudo falta na casa e os defeitos não são perdoados. Por outro lado quando a "varoa" é estridente, tendo voz fina e alta, parecendo com cárie de colo, não há tatu que agüente. É fácil saber se a mulher é "ardida". Basta comprar um peru e colocá-lo no fundo do quintal. Se quando ela falar o bicho gritar, o casamento vira um inferno e acaba.

Nesta altura do campeonato, para "fechar" a crônica, vamos juntar os dois fatos: o da privada e o do desquite.

Fui procurado certa feita por um cliente nervoso, branco, irritado.

-Doutor. Sou casado há trinta anos, mas não agüento mais. Quero desquitar, pois minha mulher, além de falar ardido, que me fura os ouvidos, ainda pegou u'a mania desgraçada.

Logo pensei em adultério, mas não era nada disso.

-Olha doutor. Moro às margens do córrego Boa Vista. Meu terreno é estreito e só tenho uma privada, possuo apenas uma casinha, que sempre serviu à família. Não é que agora toda vez que tenho precisão, mal acendo um "palheiro" e sento no caixão, minha mulher bate na porta da latrina, afirmando que

também não aguenta mais. Isso acontece a qualquer hora, de manhã, de tarde, de noite. O senhor sabe que é preciso concentração, principalmente porque sou ressecado. Basta eu entrar na casinha e já ouço o toc-toc na porta e não consigo mais a execução. Parece que ela só tem apetite quando estou lá dentro. Qualquer dia levo minha garrucha e passo fogo na "desinfeliz".

Requeri o desquite, para evitar o crime.

A rigor, não fui habilidoso. Poderia ter dado jeito na coisa. Bastaria aconselhar o cliente a construir dois caixões (na casinha) para o casal sentar junto. Mas, pensei: Não convém. Lá dentro da casinha ela vai continuar falando ardido....